

## ARTIGO DE OPINIÃO

## O INMA que se quer

Tânia Brito<sup>1</sup> e Carlos Oití Berbert<sup>2</sup>

A Mata Atlântica é de importância inquestionável. É o mais biodiverso e o mais ameaçado dos biomas brasileiros. Em comparação com a Floresta Amazônica, a Floresta Atlântica apresenta, proporcionalmente, maior biodiversidade, sendo 50% desta composta de espécies endêmicas. É considerada o quarto dos 36 *hotspots* mundiais de biodiversidade, estando sob

---

<sup>1</sup> Tânia Aparecida Silva Brito - Bacharel em Ciências Biológicas pela UNESP - São José do Rio Preto; Ph.D. em Oceanografia pela University of Southampton, Inglaterra; e pós-doutorado em Oceanografia pela Universidade de São Paulo. Foi assessora para assuntos da Antártica e do mar no Ministério da Ciência e Tecnologia. Foi coordenadora Ambiental do Programa Antártico Brasileiro no Ministério do Meio Ambiente. Na área internacional, foi delegada brasileira nas Reuniões das Partes Consultivas do Tratado da Antártica, durante nove anos; membro do Comitê Permanente dos Agentes Ambientais do Conselho de Gerentes de Programas Antárticos Nacionais; coordenadora do Comitê Científico-Ambiental de Reunião de Administradores de Programas Antárticos Latinoamericanos; e Vice-Presidente do Comitê de Proteção Ambiental do Tratado da Antártica. Participou de dez expedições antárticas. Foi Diretora de Pesquisa da Fundação UNESCO-HidroEX entre 2010 e 2015. Foi Presidente do Instituto Água pra Toda Vida. Atualmente, é Superintendente de Áreas Protegidas do Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal – Brasília Ambiental - IBRAM/DF.

<sup>2</sup> Carlos Oití Berbert - Possui graduação e pós-graduação em Geologia pela Universidade de São Paulo (1963), tendo atuado, como geólogo, em empresas privadas (ICOMI, Grupo Camargo Correa), como Professor na UFPA e na Universidade Católica de Goiás, no Departamento Nacional da Produção Mineral (do qual foi Diretor de Geologia e Mineralogia por oito anos) e na CPRM - Cia de Pesquisa de Recursos Minerais. Desde novembro de 1999 foi Coordenador-Geral das Unidades de Pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia e geólogo aposentado da CPRM - Serviço Geológico do Brasil, da qual foi Presidente no período 1990-1999. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Geologia e Prospecção Mineral e em Política e Gestão de CT&I, onde vem atuando mais diretamente desde o início de 1999, quando foi Assessor Técnico da Presidência do CNPq. Participou de várias Comissões e Comitês Nacionais e Internacionais, entre as quais a do “International Geological Congress – IGCC” e “International Year of Planet Earth- IYPE”. Foi Vice-Presidente da Comissão da Carta Geológica do Mundo para a América do Sul e ajudou a criar o Programa Antártico Brasileiro, do qual foi o Relator para a área de Ciências da Terra durante 10 anos. Conhece os principais depósitos minerais de Zâmbia, África do Sul, Canadá e EUA. Trabalhou 7 (sete) anos na Amazônia, em particular no Amapá, no Amazonas (Bacias do Rio Tapajós/Sucunduri) e Rondônia. Atualmente, contratado pelo Consórcio Costa Negócios/TOPOCART, como Consultor e Coordenador-Geral de Geologia para o Plano Nacional de Geologia de Angola, naquele País.

os holofotes da comunidade global. Com presença em 17 estados brasileiros, distribui-se ao longo de todo o litoral, em uma grande variedade de paisagens, de florestas a campos de altitude, manguezais, restingas, brejos, e até ilhas oceânicas. Está presente em diferentes altitudes, solos, relevo e contextos socioeconômicos.

Os cerca de 8% remanescentes da Mata Atlântica são responsáveis por valiosos serviços ambientais, como proteção às reservas de água para abastecimento de grande parte da população brasileira, que se concentra na região costeira. Além de influenciar o clima - temperatura, umidade, pluviosidade -, de garantir a proteção e fertilidade do solo, e de ser abrigo para mais de 20 mil espécies de plantas e de milhares de espécies de animais. Tão grande a importância da Mata Atlântica para os recursos hídricos do país que sete das suas nove maiores bacias hidrográficas encontram-se neste bioma.

Conservar esses serviços ecossistêmicos é questão de sobrevivência. A qualidade de vida da população depende diretamente da qualidade ambiental da Mata Atlântica. Para o bem de ambas, é preciso reverter o quadro atual de degradação, cada vez mais difícil dada a fragmentação em que se encontra. Conectar esses fragmentos é o maior desafio na recuperação e conservação deste bioma.

Nas últimas duas décadas, ações governamentais e não-governamentais têm buscado mudar o cenário de fragmentação do bioma, por meio de projetos de recuperação e conservação. Um desses é o projeto “Corredores Ecológicos da Mata Atlântica”, que em algumas regiões tem obtido sinais positivos de recuperação. Infelizmente, ainda são exemplos isolados. Muito ainda há que se fazer para mudar esta realidade.

Nesse contexto, a oportunidade de se ter um instituto dedicado ao tema como o Instituto Nacional da Mata Atlântica – INMA é ímpar. Esforços devem ser concentrados para fazer deste um centro de excelência. O INMA deve ser um espaço de sinergia e integração de competências; um gerador, desenvolvedor e disseminador de conhecimentos; um catalisador de cooperação científica; um indutor de ações efetivas de recuperação e de conservação; um observatório de situação, que monitore avanços e retrocessos na preservação da Mata Atlântica e, sobretudo realizar pesquisas científicas e tecnológicas sobre esse importante bioma.

Para que o INMA se torne este Centro de Excelência que tanto se espera, é imprescindível, em termos práticos, que sejam estabelecidos com a máxima urgência o *Planejamento Estratégico de cinco anos* para a Instituição, elaborado por todos os servidores, mediante metodologia criada pelo, então, Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT, e que todas as Unidades do agora Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – MCTIC

possuem; e o *Plano Anual de Avaliação* (inclusive internamente, para todas as Divisões, Coordenações etc.), também denominado *Termo de Compromisso de Gestão*, com indicadores e respectivas metas, igualmente aplicado em todas as demais Unidades de Pesquisa do Ministério. Ambos disponibilizados, *online*, para avaliação da comunidade científica e tecnológica. Com característica multidisciplinar, o Instituto deve promover redes de cooperação científica, mapeando e interconectando competências nacionais e internacionais.

No plano detalhado de pesquisa devem ser consideradas entregas e produtos para que o resultado das pesquisas seja traduzido em aplicações. Conhecimento científico, aliado aos saberes locais e tradicionais, deve ser transformado em ação para conservação. Esforços devem ser empreendidos para sensibilizar a sociedade sobre a importância e ameaças da Mata Atlântica, para que esta se engaje na sua proteção e no uso sustentável de seus recursos.

Outro aspecto relevante é o aprimoramento de sua capacidade em áreas como captação e gestão de recursos financeiros. Devem ser identificadas fontes de financiamento externas para que não se dependa exclusivamente de recursos oficiais. Afinal, a preservação da Mata Atlântica interessa a todos os brasileiros, suas vidas, seus negócios.

Os gestores do Instituto devem buscar, sempre, maiores investimentos em recursos humanos – atração, contratação e retenção de profissionais, inclusive bolsistas do Programa de Capacitação Institucional – PCI do Ministério e outras formas de concessão de bolsas. E, acima de tudo, valorizar cada funcionário do INMA, por menor que seja o seu cargo ou atividade, trabalhando sempre com três palavras fundamentais: **DIÁLOGO, TRANSPARÊNCIA E UNIÃO.**